

V. 4. N 2 (2023)



DOSSIÊ

CORPOS NEGROS NOS CENÁRIOS DAS IDENTIDADES FEMININAS: INSURGÊNCIAS E R(E)EXISTÊNCIA EM OUTROS MODOS DE SER

ORGANIZADORAS: LORRANA LIMA
E ARIANA GOMES



REVISTA ZABELÊ

DISCENTE PPGANT-UFPI

EXPEDIENTE

Revista Zabelê
Discentes PPGANT - UFPI
Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade Federal do Piauí
Campus Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga,
Teresina, Piauí.
CEP 64049-550 - Tel.: (86) 3237-2152

Reitor

Prof. Dr. Gildásio Guedes Fernandes

Vice-Reitor

Prof. Dr. Viriato Campelo

Conselho Editorial

Antonio Andreson Oliveira Silva

Cristhyan Kaline Soares Silva

Edilson Pereira Nascimento

Larissa Emanuela Vasconcelos de Brito

Lêinad Dallyne de Oliveira Alves

Lília Melo Vaz Fontinelle

Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo

Maria Eduarda de Lima Coutinho

Marina Fernandes Carvalho

Sandra Claudete Sena Silva

Editoras-Chefes

Deanny Stacy Sousa Lemos

Lorrana Santos Lima

Organização

Ariana dos Santos Gomes

Lorrana Santos Lima

Revisão

Editores Zabelê

Diagramação

Deanny Stacy Sousa Lemos

Foto da Capa

Korina Rodrigues

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Ariana dos Santos Gomes.....4

ARTIGO

Reflexões sobre afetos, corpos e identidades

Edvanio Campos Macedo.....8

A mulher negra e sua circulação no circuito artístico contemporâneo

Aline da Conceição Pereira.....24

Subservivos modos do fazer etnográficos de Zora Neale Hurston

Steffane Pereira Santos e Rafaela Rodrigues de Paula.....40

ENSAIO VISUAL

Uma foto performance raiz d'água

Iasmin da Silva.....54

ARTIGO LIVRE

O jogo/documento: reflexões acerca da possibilidade dos jogos eletrônicos como objeto de estudo da historiografia

Alex Felix e José Otávio Aguiar.....65

A educomunicação como ferramenta de integração universitária: práticas na Universidade Federal de Campinas Grande - UFCG

Dinaldo Barbosa da Silva Júnior86

Apresentação

GRITOS DO NASCER

Sobre a balança da vida e morte, mantive os pés firmes no solo, adentrando meus dedos a terra cinabre, deixando meus pés avermelhados, como um sangue valioso, abracei o corpo sensível com meus braços, apertando-o com todas as forças que guardava dentro do peito, entre os ossos; assim dediquei, suplicando a mim mesma, um culto robusto de minha pele, boca, nariz, costas, mãos e o resto de meu esqueleto, isso que, tal qual formam a mulher; ali naquele desejo de nascer, criei o som de minha voz, junto a força da alma, e então, proferi aos arredores do campo, deixando com que minha boca se tornasse foz de algum rio, este que me dizia que devia seguir, e nadar, e molhar meu corpo com a água mais pura do mundo, para que eu acreditasse em um destino melânico...

Um dia, meus braços já conseguem alcançar os calcanhares dos baobás, e meus cabelos enrolam apenas em espirais, logo, meus ouvidos também já escutam de longe, mas com timbres tão próximos que pensava que vinham de minha nuca, assim gritavam:

- Negra! És Negra! Tu és!

E sou? O que sou? O que é isto que dizem que sou, o que é ser negra?

De repente, acabou nascendo de novo, em um novo rio, com as costas submersas em águas geladas que me deixavam só, como se o mundo não fosse mais sobre corpos andando e esbarrando um no outro, até

que algo incomodasse o alheio.

*Tirei minhas mãos d'água, e provei do gosto que nascia na ponta de meus lábios, era primitivo, era algo prístino que escorregava entre minha veia cava, e eu sentia chegando na ponta dos dedos; aqui estava de cabeça ao mundo, e gotas do mar que iam chegando do fim do rio pingavam em minhas costas em feridas psicossomáticas, ardendo como um fruto que apenas os de nós saberiam de seu sabor. Ia me deixando leve para que eu sentisse tudo, e quando levava o ar ao pulmão para que respirasse como todas essas outras, começava a enxergar meu reflexo na água cristalina, de um nível que ia contrastante ao negro da pele de minha pele, eu via também o céu junto a mim, e era azul, azul como eu também nas noites, então, olhei para cima, e fiz com que meus olhos soletrassem gritos do desejo de ser negra, lágrimas escorriam por minhas bochechas café, e de olhos abertos ao céu, saberei, o que é ser,
Negra.*



Esse dossiê temático é dedicado às mulheres negras, e a sua luta cotidiana para r(e)existir, é ela o discurso de fronteira que se propõe a história, a memória, dos nossos antepassados negros, abrindo caminhos para mulheres e homens e da diáspora negra nas Américas e nos Brasis.

Ao longo dos estudos da história do mundo, os estudos científicos foram construídos sob uma perspectiva do pensamento dominante colonial, a partir de um ideal do homem heteronormativo, cisgênero e branco. Podemos perceber que houve e há uma vasta e constante luta de coletivos negros, de mulheres e de comunidade empobrecidas para que as identidades elencadas na diversidade, na diferença e nas desigualdades sociais que por muitas vezes estiveram como apagadas e esvaziadas de sentido, possam propor deslocamentos fundamentais quando elaboradas, reposicionando o lugar do sujeito negro da diáspora. Essas questões estão sobremodo relacionadas a uma identidade que se recria e que se insurge nos espaços de controle, havendo a implementação de saberes que combatem o epistemicídio e a construção de um discurso que propicie o desenvolvimento destas identidades. Havendo possivelmente algumas possibilidades de que corpos tidos como subalternos ocupem espaços outros, podendo falar, sobretudo, dos próprios corpos.

O propósito desta chamada Corpos negros nos cenários das identidades femininas: Insurgências e R(ê)existências em outros modos de ser, reuni a produção de pesquisadoras e pesquisadores que buscam compreender as relações étnico-raciais, o racismo, o antirracismo, e as populações negras (brasileira, africanas e diaspóricas) a partir da Ciências Sociais e das teorias sobre Raça e Gênero e seus modos de existir e resistir. Do mesmo modo, nos instiga o protagonismo das mulheres negras nos diversos setores social, desde do trabalho formal e informal, ao gerenciamento da família e da participação dentro do seu meio comunitário e religioso. Esta coletânea, trazem abordagens críticas a partir das relações étnico-raciais com o objetivo de desmontar as estruturas, conjunturas e espacialidades do racismo. Produzindo narrativas científicas que posicionam a própria pessoa negra como produtora e protagonista na construção desse discurso científico.

Quanto ao corpo temático dos artigos e ensaios, ressaltamos que há leituras sobre A mulher negra e sua circulação no circuito artístico contemporâneo, da autora Aline Pereira, onde sua escrita trata das produções das artistas, Renata Felinto e Rosana Paulino, com a intenção de compreender como está sendo tratada por elas o seu fazer artístico e suas escritas. Edvanio Macedo com a sua pesquisa Reflexões sobre afetos, corpos e identidades: perspectivas de raça e de gênero, nos convida para o debate a partir de uma revisão narrativa da literatura sobre como a construção do conceito de afeto ao longo da história impactou a sociedade a partir de uma perspectiva racial, e de gênero. Insubmissos modos do fazer etnográfico de Zora Neale Hurston da autora Steffane Zora neale hurston, traz a trajetória de Zora, e seus modos de fazer etnográficos a partir da obra Olualê Kossola.

E é nesta encruzilhada de pensamentos que temos um artigo livre O jogo/documento: Reflexões acerca da possibilidade dos jogos eletrônicos como objeto de estudo da historiografia de José Aguiar e Alex Felix, onde os autores buscam trazer reflexões e possibilidades de análises teóricas metodológicas dos jogos eletrônicos como objeto de estudo para a historiografia.

A produção do ensaio sobre a Educomunicação como ferramenta de integração universitária: práticas na Universidade Federal de Campina Grande – UFC do ensaísta Dinaldo Barbosa Junior, apresenta as atividades do curso de comunicação social

desenvolvidas pela Universidade Federal de Campina Grande pelo caminho da educomunicação tendo em vista à integração da comunidade universitária. No ensaio visual da multiartista Iasmim Silva, que se apresenta pelo título “Foto performance raiz d’água”, trata de composições derivadas do vídeo performance “raiz d’água” performando a (auto)biografia com um dos mitos fundadores do congado mineiro, sobre a história de nossa senhora do rosário nas águas.

O Dossiê, tem um caminho, é o caminho do conhecimento diverso contra hegemônico, tecendo críticas e disputas as bases epistemológicas de um fazer científico hegemônico, que reproduziu e reproduz processos de dominação e subalternização racial e de gênero. A produção deste trabalho anuncia um fazer de uma epistemologia da diversidade e diferença, tendo essas produções uma interação Multi e Interdisciplinar. Não podemos nos dar ao luxo de descansar perante as lutas sociais nesse cenário que se retroalimenta de forma tenebrosa dentro da sociedade brasileira, contamos e vemos incontáveis corpos negros e favelizados no chão cotidianamente.

Esta chamada nos coloca como uma narrativa de esperança e luta frente ao discurso de ódio e às práticas racistas, misoginias e empobrecida que parece sem fim.

Uma boa leitura a todas e todos!

